MISTÉRIOS DA BÍBLIA

As 11 Linhas que Foram Arrancadas Entre Gênesis 6 e Gênesis 7

Dossiê de Referências Bibliográficas e Fontes Primárias

Documento de acompanhamento acadêmico do episódio, reunindo e contextualizando as fontes canônicas, apócrifas, rabínicas e místicas utilizadas na reconstrução narrativa do intervalo textual entre os capítulos seis e sete do livro de Gênesis.

I. NOTA introdutória E metodológica

O presente dossiê reúne as fontes primárias e os corpos de tradição utilizados na construção do episódio “As 11 Linhas que Foram Arrancadas Entre Gênesis 6 e Gênesis 7”, produzido pelo canal Mistérios da Bíblia. Seu objetivo é oferecer, de forma transparente e verificável, a origem de cada camada de tradição empregada na narrativa, permitindo que o espectador distinga com clareza o que pertence ao texto canônico hebraico, o que pertence à literatura apócrifa e pseudepigráfica do período do Segundo Templo, o que pertence à tradição rabínica e talmúdica, e o que pertence à tradição mística cabalística.

As fontes estão listadas a seguir em ordem cronológica de composição ou redação, conforme o consenso da crítica textual e histórica contemporânea, e não em ordem de aparição no episódio. Cada entrada indica o período estimado de composição, a natureza do documento, seu status dentro das diferentes tradições religiosas, e sua relevância específica para a reconstrução do intervalo narrativo entre os dois capítulos do dilúvio.

É fundamental reiterar que nenhuma das fontes extracanônicas aqui listadas é apresentada, neste episódio ou neste dossiê, como Escritura inspirada equivalente ao texto canônico hebraico. Trata-se de material histórico-literário legítimo, estudado por historiadores, teólogos e especialistas em literatura do Segundo Templo havia mais de um século, e que preserva, cada um a seu modo, tentativas antigas de preencher os silêncios interpretativos deixados pelo texto bíblico.

II. Fonte canônica

Sefer Bereshit (Livro de Gênesis), capítulos 5 a 9

Texto Massorético hebraico. Redação final estimada entre os séculos VI e V a.C., segundo a crítica documentária; tradição judaica e cristã atribui a autoria mosaica.

Constitui a base canônica de todo o episódio. É desse texto que emerge o próprio objeto do vídeo: o intervalo narrativo entre a conclusão da construção da arca (Gênesis 6:22) e a ordem divina para que Noé nela entrasse (Gênesis 7:1). Todas as demais fontes listadas neste dossiê funcionam como camadas de tradição interpretativa em torno deste texto-base, nunca como substitutas ou equivalentes a ele.

III. Literatura pseudepigráfica do Segundo Templo

Livro de Jubileus (Sefer ha-Yovelim)

Composição estimada em meados do século II a.C., provavelmente em ambiente judaico da Palestina. Preservado integralmente apenas em ge'ez (etíope clássico); fragmentos hebraicos identificados entre os manuscritos de Qumran. Reconhecido como Escritura canônica exclusivamente pela Igreja Ortodoxa Etíope e pela Igreja Ortodoxa Eritreia; não é canônico para o judaísmo rabínico nem para as demais tradições cristãs.

Reescreve a narrativa do Gênesis segundo um calendário solar próprio de trezentos e sessenta e quatro dias. Utilizado no episódio para reconstruir a cronologia precisa dos eventos no intervalo entre a conclusão da arca e o início do dilúvio, e para sustentar a leitura de que o próprio dilúvio teria funcionado como instrumento de correção calendárica.

Apócrifo do Gênesis (Genesis Apocryphon / 1QapGen)

Manuscrito em aramaico encontrado na Caverna 1 de Qumran; composição estimada entre o século II e o século I a.C. Não integra o cânone de nenhuma tradição judaica ou cristã; é classificado pela crítica acadêmica como obra pseudepigráfica de reescritura narrativa ("rewritten Bible").

Fonte do relato sobre o nascimento de Noé, a suspeita de Lameque quanto à origem do filho, e a consulta feita a Matusalém e a Enoque para obter tranquilização sobre a legitimidade e a missão da criança. Utilizado no episódio para reconstruir a quinta linha perdida, referente à natureza extraordinária do nascimento de Noé.

IV. Tradição rabínica e talmúdica

Talmude Babilônico (Bavli), Tratado de Sanhedrin

Compilação e redação final estimadas entre os séculos V e VI d.C. na Babilônia sassânida, a partir de tradições orais tanaítas e amoraítas anteriores. Texto central da tradição rabínica normativa, reconhecido como autoridade halákhica e homilética no judaísmo rabínico.

Fonte da cronologia dos cento e vinte anos de prazo concedido à geração do dilúvio, da tradição de Noé como “pregador da justiça” que plantava cedros enquanto anunciava o juízo, e do escárnio da geração que o ridicularizava. Utilizado para reconstruir a primeira, a segunda e a terceira linhas perdidas do episódio.

Bereshit Rabá (Gênesis Rabá) — Midrash Rabá

Compilação homilética estimada em sua forma final por volta do século V d.C., na Palestina bizantina, reunindo tradições exegéticas tanaítas e amoraítas mais antigas. Parte do corpo de literatura midráshica clássica, amplamente estudada e citada dentro da tradição rabínica.

Fonte da tradição segundo a qual os animais se dirigiram por conta própria até a arca, em pares ordenados, e da leitura de que foi o próprio Criador, e não Noé, quem fechou a porta da arca descrita em Gênesis 7:16. Também preserva reflexões sobre a morte de Matusalém e sua coincidência cronológica com o início do dilúvio. Utilizado para reconstruir a quarta, a sétima e a oitava linhas perdidas do episódio.

V. Tradição mística cabalística

Sefer ha-Zohar (Livro do Esplendor)

Corpo principal compilado e divulgado na Espanha medieval ao final do século XIII, tradicionalmente associado a Moshe de León, embora a obra se apresente como preservando ensinamentos atribuídos a Shimon bar Yochai, do século II d.C. Texto fundacional da Cabala, central para o judaísmo místico, sem status canônico equivalente ao da Torá ou do Talmude.

Fonte da leitura simbólica da arca como santuário em miniatura e microcosmo espiritual, da interpretação mística de sua janela única como fonte de luz espiritual concentrada, e da leitura do longo período de flutuação da arca como tempo de gestação espiritual da humanidade sobrevivente. Utilizado para reconstruir a nona linha perdida do episódio.

VI. Nota final sobre o método

A reunião destas cinco fontes — o texto canônico, dois documentos pseudepigráficos do período do Segundo Templo, dois corpos de tradição rabínica clássica, e um texto fundacional da Cabala — não pretende harmonizá-las numa única narrativa histórica. Pretende, isto sim, demonstrar a profundidade e a diversidade do esforço interpretativo judaico e cristão, ao longo de mais de dois mil anos, para compreender um dos silêncios mais carregados de toda a literatura bíblica: o vão textual entre a conclusão da arca e o início do dilúvio.

Convidamos o espectador interessado em aprofundar-se em qualquer uma destas fontes a consultar edições acadêmicas críticas, disponíveis em bibliotecas universitárias e em repositórios especializados em estudos bíblicos e judaicos.

Mistérios da Bíblia — Dossiê de referências produzido como material de acompanhamento gratuito ao episódio.